

Comunicação e saúde, dois campos em intersecção*

Teresa Ruão, Felisbela Lopes, Sandra Marinho**

O campo da Comunicação na Saúde desenvolveu-se muito rapidamente nos últimos vinte anos, um pouco por todo o mundo. Os programas de promoção das actividades das organizações de saúde, públicas e privadas, intensificaram-se. A cobertura mediática sobre temas de saúde alargou-se e encontrou uma boa receptividade numa sociedade crescentemente medicalizada. Nas universidades, o tema foi colhendo interesse entre os investigadores das Ciências da Comunicação. No contexto das pesquisas em Comunicação, o campo tem sido abordado de diferentes formas. Há investigadores que estudam a dimensão intrapessoal, outros optam pelas relações interpessoais; há os que estudam os temas da comunicação de grupo, enquanto outros salientam as perspectivas organizacionais e sociais. Em todos os casos, procura-se estudar a influência da comunicação humana na prestação de cuidados às populações, no sentido da promoção da saúde pública. A Comunicação na Saúde é, pois, um campo de pesquisa complexo e muito vasto.

Nesta obra, destacamos o papel do *jornalismo da saúde* e da *promoção da saúde* enquanto áreas complementares no processo de disseminação de informação essencial à tomada de decisão dos cidadãos nessa matéria. Por jornalismo de saúde entendemos todo o processo de construção de noticiabilidade e de difusão de informação de actualidade e relevância pública sobre temas integrados neste campo. A promoção da saúde compreende o desenvolvimento e difusão de mensagens persuasivas dirigidas a públicos segmentados, com vista a influenciar percepções, atitudes e comportamentos.

Tal como é reiteradamente afirmado por vários investigadores de referência em Comunicação na Saúde, a informação constitui um elemento nuclear na adopção de comportamentos saudáveis e na protecção do ambiente social. A qualidade dessa informação depende, em grande parte, de dois eixos: da promoção de informação relevante

* Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE (FCOMP-01-0124-FEDER-009064) e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projecto «A Doença em Notícia» (PTDC/CCI-COM/103886/2008).

** Investigadoras do Centro de Estudos Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho (truao@icsuminho.pt), (felisbela@icsuminho.pt), (marinho@icsuminho.pt).

por parte de fontes de informação ligadas a este campo e do trabalho rigoroso desenvolvido pelos jornalistas. O primeiro eixo pode ser analisado na perspectiva da comunicação organizacional e comporta as actividades levadas a cabo por instituições ou empresas no sentido de partilhar informação relevante para a adopção de comportamentos saudáveis, uma melhor utilização dos sistemas de saúde ou a prevenção de situações de risco. O segundo tem sido tratado pelos estudos em jornalismo que procuram um melhor entendimento sobre os processos de geração, transmissão e utilização de informação sobre saúde nos média no sentido de, através desse trabalho, se promover um maior conhecimento e uma melhor literacia neste campo.

As particularidades da comunicação, nomeadamente as do jornalismo, em saúde serão tratadas nas páginas que se seguem em três partes distintas.

A primeira parte abre-se a artigos de investigadores internacionais. Gary Kreps analisa a relevância da pesquisa em comunicação na prestação de cuidados e na promoção da saúde; Darrin Hodgetts explica de que modo se poderá assegurar, a partir da cobertura noticiosa de temas da saúde, uma esfera pública vibrante; Jakob Jensen, com outros investigadores, apresenta resultados de uma pesquisa sobre a cobertura jornalística das doenças oncológicas; José Luis Blanco detém-se no estudo do trabalho jornalístico sobre o HIV/sida por parte de jornais espanhóis; e é também nos jornais espanhóis que se centra Carmen Costa Sánchez para analisar aí conteúdos especializados em saúde; Mónica Carvalho estuda o jornalismo de saúde, tendo como ponto de referência o jornal brasileiro *Folha de São Paulo*, analisando a obesidade, uma das maiores preocupações na saúde pública brasileira; e Victoria Carrillo Durán e Juan Luis Tato apresentam-nos um estudo sobre mensagens publicitárias com consequências na saúde pública. Ainda no âmbito da cobertura mediática de doenças, Gary Kreps apresenta-nos o estudo “Strategic use of communication to market cancer prevention and control to vulnerable populations”, onde fala dos desafios de informar as populações em matéria de prevenção e controlo do cancro.

A segunda parte abre com um alargado texto sobre a noticiabilidade em saúde produzida em três jornais portugueses de linha editorial distinta (*Expresso*, *Público* e *Jornal de Notícias*), entre 2008 e 2009. Quisemos saber quem falou do quê ao longo destes três anos, analisando criticamente os dados apurados através de uma metodologia quantitativa. A este texto segue-se uma investigação de Manuel José Damásio e da sua equipa, que apresentam um estudo sobre a utilização de meios electrónicos na informação sobre saúde. E este capítulo fecha com um artigo de Ana Paula Azevedo, que debate a necessidade de formação específica para o exercício responsável do jornalismo de saúde e um outro das coordenadoras desta publicação que procura dar conta do panorama da investigação e formação em jornalismo de saúde em Portugal.

A terceira parte é constituída por recensões várias. Carla Baptista apresenta *Making Online News, the ethnography of new media production* de 2008, editada por Chris Paterson e David Domingo, uma obra sobre a “reinvenção” do jornalismo no actual contexto de mudança tecnológica; Rita Espanha analisa o livro *A Saúde nos Mass Media*, de Pedro Alcântara da Silva (no prelo para publicação), dedicado à relação entre a saúde e a imprensa. Rita Araújo procura explicar a obra de Madalena Oliveira,

Metajornalismo – Quando o jornalismo é sujeito do próprio discurso, publicada em 2010; e Paulo Salgado fala-nos do livro *Reputation Management* de Sabrina Helm, Kerstin Liehr-Gobbers e Christopher Storck, editado em 2011, em que os autores analisam o valor da reputação organizacional.

É um facto que quem se dedica à Comunicação na Saúde enfrenta desafios complexos. Particularmente os jornalistas que no seu dia-a-dia experimentam obstáculos em entender e usar uma linguagem muito técnica; conflitos de interesse entre as fontes e o espaço público; desequilíbrios entre o tempo da ciência e o tempo dos média; reptos colocados pelos novos canais interactivos; dificuldades em noticiar sem alarmar factos que se apresentam sob risco elevado; problemas em encontrar um equilíbrio entre as eufóricas descobertas científicas ou as cépticas discussões políticas à volta de determinada questão de saúde/doença; conflitos de interesse inerentes a actividades promocionais de empresas e instituições que chegam às redacções em forma de notícia... Como bem conclui Darrin Hodgetts, no artigo “Constructing Health News: possibilities for a civic-oriented journalism” (2008), “sabemos ainda pouco do processo de produção de notícias sobre saúde”. Por isso é tão importante continuar este trabalho.